

Que corpo é o meu? Que identidades transporto em mim para além da minha própria de que não tenho memória? Quatro mulheres em palco partilham o mesmo corpo, sucedendo-se a partir de transições subtis que introduzem novas histórias, ou partes distintas da mesma história. Todas elas personificadas por Kaori Ito a partir de uma conceção assente em fantasia, espiritualidade e xintoísmo. Retomam-se os temas da memória, do esquecimento e da identidade explorados em *Island of no Memories*.

Which body is mine? What identities might I carry within me, besides my own, which I might not have memory of? Four women on stage share the same body; later, subtle transitions occur which bring new stories to the fore, or separate parts of the same story. All of these are brought to life by Kaori Ito whose concept is founded in fantasy, spirituality, and Shintoism. Taken up again are the themes of memory, forgetting, and identity as explored in the piece *Island of No Memories*.

SOLOS

KAORI ITO

SEXTA 22 | 22H00 | PEQUENO
AUDITÓRIO DO CCVF

No início, o equilíbrio. Movimentos lentos, pausados, escondem uma inquietação que só o caminho filosófico poderá mitigar. Numa mão, um espelho desprovido de vidro, por nada haver para refletir. No corpo, uma acentuada carga animista. Quem sou eu? Uma resposta que tarda em aparecer e que impele a bailarina para uma procura incessante, quase obsessiva, na tentativa de perceber o seu tempo e espaço. Há movimentos que tentam perscrutar o corpo, mas que parecem rejeitá-lo ao mesmo tempo. Há uma constante tentativa de mapeamento, de identificação, de procura de algo que transporte uma marca clara, inequívoca. Existirá? Se sim, dentro ou fora do corpo? Que movimento é este que estranhamente se perde numa fisionomia ambígua que convida a novas configurações e experiências percetivas? Não existe uma unidade visível. Cada parte do corpo parece querer autonomizar-se e, ao mesmo tempo, procura um lugar onde se reconheça, saindo da luz para o espaço das sombras, voltando à luz, repetindo a sequência. Num pano branco, projetam-se várias silhuetas, humanóides e humanas, em pequenos espaços quadrados e retangulares que formam a estrutura de um prédio visível do exterior. Suspensa por cordas, uma mulher vai subindo a parede do prédio, à procura de um espaço vazio. À procura do seu lugar. Sem sucesso, vai subindo em direção ao céu, ao vazio, ao nada.

Uma outra mulher, de vestido negro, vagueia no escuro. Um ponto de luz atravessa o seu caminho. A luz escapa-se-lhe. Ela tenta levá-la ao rosto, tenta absorvê-la. A luz começa a iluminar cada uma das partes do seu corpo, de forma fragmen-

At the beginning, there is equilibrium – slow movements and pauses which hide the anxiousness that only a more philosophical perspective can ease. In the hand, there is a mirror without a glass since there is nothing to reflect. In the body, there is an accentuated feeling of animism. Who am I? The answer is taking its time in coming, and it impels the dancer to search non-stop, in an almost obsessive manner, to endeavor to understand her time and space. There are movements which attempt to minutely examine the body but which seem to reject the body at the same time. There is constant striving for mapping, identification and searching for something which transmits a clear and unequivocal mark. Might such a thing exist? If so, is it inside or outside the body? What movement is this which gets lost so strangely in the ambiguous physiology that invites us to new configurations and perceptive experiences?

There is no such thing as a visible unit. Each part of the body seems to strive for autonomy and at the same time seeks out a place where it might recognize itself, fleeing the light for the refuge of the shadow then returning to the light to repeat the sequence. Against a blank backdrop, various human or humanlike silhouettes are projected in small square and rectangular spaces that make up the structure of a building visible from

—
**QUEM SOU EU, SE O MEU CORPO
NÃO ME PERTENCE?**
**WHO AM I IF MY BODY DOES NOT
BELONG TO ME?**
—

tada. Os braços, as pernas, o tronco, o ventre. Três pontos separados entre si. Cada um deles ilumina partes do corpo, mas não o corpo inteiro. Uma palma da mão iluminada, outra palma da mão iluminada, e entre elas a escuridão. Partes do mesmo corpo que são partes de corpos distintos que nenhum ponto de luz consegue reunir. Uma incessante procura seguida de exaustão. A respiração ofegante, o desfalecimento.

Há objetos que percorrem o corpo. Há o espelho e a mão pelo rosto. Um espelho que nada reflete, pois a identidade é difusa, intangível. Que corpo é este que não me serve? Que movimento é este que pareço não poder controlar? *Solos* é um exercício sublime de expressão corporal, de luz e formas, e uma metáfora dos tempos modernos: quem sou eu, se o meu corpo não me pertence?



© Direitos Reservados

the outside. Suspended by ropes, a woman scales the building walls in search of an empty space. She is looking for a place of her own. She is unsuccessful in her task and keeps going up, toward the heavens, toward the emptiness, toward the nothingness.

Another woman dressed in black wanders about in the darkness. A point of light comes across her path. The light does not strike her. She tries to bring it to her face, to absorb it. The light shines on individual parts of her body in a fragmented way. The arms, the legs, the midsection, the stomach. Three individual points shine. Each one illuminates parts of the body but not the entire body. One palm of the hand is illuminated, and then the other palm of the hand is illuminated, and between them is darkness. These are parts of the same body, which are parts of different bodies that no spotlight can reunite. A ceaseless searching followed by exhaustion. Panting. Blackout.

There are objects which travel as if floating over the body. There is the mirror and the hand for the face, a mirror which reflects nothing since identity is diffuse and intangible. What type of body is this which in the end does me no good? What type of movement is this that does nothing for me? What movement is this which I can't seem to control? *Solos* is a sublime exercise of bodily expression, light and form. It is a metaphor for modern times; who am I if my body does not belong to me?

Coreografia **Kaori Ito** | Interpretação **Kaori Ito**
Música **Guillaume Perret** | Desenho de Luz
Christophe Grellié | Cenografia e Figurinos **Kaori Ito** | Responsável de som **Louise Gibaud** | Produção
Bureau FormArt | Difusão **ART HAPPENS**
Coprodução **Le Merlan, scène nationale de Marseille, Red Brick House, Japon, Atelier de Paris - Carolyn Carlson** | Com o apoio de **Ménagerie de verre com Studiolab** | Criação 2009-2010 **Red Brick House au Japon, Le Merlan, scène nationale de Marseille, ProArt Festival, Prague, June Events - Atelier de Paris-Carolyn Carson, Julidans Festival, Amsterdam, Festival Escapades, Condom**

Duração 45 min. s/intervalo
Maiores de 12 anos



© Direitos Reservados